

# ANÁLISE

07/2023

## ÁSIA E INDO-PACÍFICO: IMPLICAÇÕES ESTRATÉGICAS



SETEMBRO DE 2023



EXÉRCITO BRASILEIRO  
Braço Forte - Mão Amiga



# A ANÁLISE

A PUBLICAÇÃO “ANÁLISE”, CONFORME O PRÓPRIO NOME INDICA, DESTINA-SE A ANALISAR EVENTOS CORRENTES OU SITUAÇÕES, A FIM DE CONTRIBUIR PARA O ENTENDIMENTO DA CONJUNTURA ATUAL.

TRATA-SE DE UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DO EXÉRCITO (CEEEX) SEM PERIODICIDADE DEFINIDA, QUE OBJETIVA DAR VOZ AOS ANALISTAS DO CEEEX.

NESTA PUBLICAÇÃO, SERÃO ABORDADOS ASSUNTOS QUE CARACTERIZAM A ÁSIA CONTINENTAL E O INDO-PACÍFICO DE FORMA ESTRATÉGICA.

AS OPINIÕES EXPRESSAS NESTA PUBLICAÇÃO SÃO DE SEU AUTOR, NÃO REFLETEM, NECESSARIAMENTE AS DO CEEEX OU DO EXÉRCITO BRASILEIRO.

## O AUTOR

**SYLVIO PESSOA DA SILVA**  
**CORONEL R/1**

OFICIAL DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA DA RESERVA REMUNERADA DO EXÉRCITO BRASILEIRO (AMAN, 1990); MESTRE EM OPERAÇÕES MILITARES (ESAO, 1998) E MESTRE EM CIÊNCIA MILITARES (CEME, 2006). ESPECIALISTA EM LOGÍSTICA EMPRESARIAL – MBA, PELA FGV (2010) E PÓS-GRADUANDO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, PELA UFRGS.



# A 7ª SUBCHEFIA

No dia 18 de fevereiro de 2022, foi publicado, no Boletim de Exército, o despacho decisório do Comandante do Exército, reativando a 7ª Subchefia/EME.

Com a missão focada no futuro do EB, a 7ª Subchefia do Estado-Maior do Exército está constituída pelo Centro de Estudos Estratégicos do Exército e pelas Seções de Conceitos Futuros e de Gestão de Capacidades.

A reativação foi resultado de amplo estudo que começou, em 2019, com a criação da Seção “Exército do Futuro” na 3ª Subchefia/EME.



## ÁSIA E INDO-PACÍFICO: implicações estratégicas

Esta análise visa a tratar da tensão na Ásia, normalmente, vista sob a ótica do Indo-pacífico. De forma mais abrangente, o momento asiático é resultado de um contexto histórico emergido no pós II Guerra Mundial. Assim, a primeira parte apresenta o assunto ao leitor. Na sequência, as considerações históricas resumem a linha do tempo que nos trouxe à atual conjuntura, trazendo referências, eminentemente, do período da Guerra Fria. O pós-Guerra Fria é o assunto da terceira seção, que nos conduzirá às três seguintes, onde estão abordadas as alterações de relevo ocorridas no continente, as implicações para o Ocidente e a geopolítica na região do Indo-pacífico, perímetro geográfico que extrapola a Ásia. Por fim, uma breve conclusão encerra este resumido trabalho.

### 1. INTRODUÇÃO

As alterações que estão ocorrendo no Planeta, transformando a Ásia no novo pivô do mundo, são um processo com origem há algumas décadas e envolve diversos países e regiões daquele continente. As mudanças acontecem nos campos político, econômico, tecnológico e militar, com alguns países se destacando, gerando novas capacidades e redirecionando os centros de poder no tabuleiro geopolítico.

Nesse contexto, as tensões no Indo-Pacífico<sup>1</sup> têm ganhado importância no cenário internacional, principalmente, nas análises do cenário internacional, assim como em documentos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e de seus países-membros. Todavia, essas inquietações fazem parte de um cenário de mudanças global, em meio à proposta de um multilateralismo e estão ocorrendo do Oriente Médio ao Sudeste Asiático, passando pela Ásia Central e pela Ásia Meridional, bem como pela Ásia Siberiana.

Essa nova reconfiguração do tabuleiro estratégico mundial desequilibra os atuais centros de poder, gerando reações, principalmente, dos Estados Unidos da América (EUA) e da Europa. Assim sendo, esta análise tem como objetivo chamar a atenção para a nova realidade que avança na Ásia, descortinando novos polos de poder, com destaque para a região do Indo-Pacífico.

### 2. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Após a II Guerra Mundial, no contexto da Guerra Fria (GF), os EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)<sup>2</sup> assumiram o protagonismo político mundial. Essa divisão de poder fez surgir a OTAN, o Pacto de Varsóvia

<sup>1</sup> O termo teria ganhado projeção por meio do ex-Primeiro Ministro do Japão Shinzo Abe, a partir de 2007, segundo o jornal *The Daily Guardian*, o que não impediu interpretações e contornos diversos pela inexistência de fronteiras que definam a região.

<sup>2</sup> Os dois países eram os únicos que detinham poder real para inserir os demais países em suas estratégias. O não alinhamento, ainda que marginal, foi uma opção.

e a Guerra Fria, período em que parcela dos países buscou se aproximar ou “gravitar em torno” de Moscou ou de Washington, com as respectivas políticas de expansionismo (ideológico ou territorial). Para o enfrentamento, a Casa Branca criou instrumentos de aproximação e de contenção. Na Ásia, em particular, cabe destacar a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTASE) (1954) e a Organização do Tratado Central (CENTO) (1955), o último, composto por Irã, Iraque, Paquistão, Turquia e Reino Unido (RU).

Com essa finalidade, os EUA identificaram o Japão (desarmado) como o maior representante da “democracia liberal norte-americana” naquele continente, o que permitiu e favoreceu a reconstrução e o desenvolvimento econômico do país. No entanto, essas consequências foram sendo espraiadas para outros países a partir daquele polo de poder regional, por meio de uma industrialização baseada na hierarquia da cadeia de valor produtiva. Surgiram, então, os Tigres Asiáticos (Hong Kong, Coreia do Sul, Taiwan e Singapura), símbolo dessa dinâmica que continuou a se espalhar.

Esse *status quo* regional começaria a ser alterado com o fim da Guerra do Vietnã (Acordo de Paris) e pela reaproximação dos EUA com a China (1973). A nova visão para a região não desarticulou a capacidade japonesa, baseada na acumulação de capitais e na desvalorização da moeda (Iene). No entanto, o apoio norte-americanas para aquela economia foi alterado e o país passou por uma crise financeira nos anos 90, prolongada pela de 2008, de abrangência mundial. Esse panorama é uma das causas da estagnação econômica japonesa, que persiste por décadas, ainda que o país continue ranqueado entre as economias mais desenvolvidas.

Paralelamente à política norteamericana para a Ásia, outros países coordenaram vias alternativas. A Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) é fruto da iniciativa da Tailândia, Indonésia, Malásia, Singapura e Filipinas em 1967<sup>3</sup>. A Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) foi criada em 1992, por Rússia, Cazaquistão, Armênia, Quirguistão, Tajiquistão e Uzbequistão. Em 2001, a Organização de Cooperação de Xangai (OCX)<sup>4</sup> (figura1) tem sua gênese com a adesão da China ao Grupo dos Cinco (1996), formado pelo Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão. Iniciativas que ganharam importância com o tempo.

O período iniciado com a Guerra Fria foi marcado pela volatilidade da política externa exercida por Washington. As relações não se configuraram de maneira permanente. As relações políticas dos EUA com a Índia, Paquistão, China, Japão, Vietnã e outros países do Oriente demonstraram essa visão diplomática não perene. Aparentemente, só Japão e Coreia do Sul ganharam *status* de aliados. Nesse quadro, poucos países conseguiram se posicionar de

<sup>3</sup> Atualmente, a ASEAN é composta por 10 países, Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia e Vietnã.

<sup>4</sup> A OCX foi fundada pela China, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão, e segue em processo de ampliação. Para outros detalhes, acesse <http://eng.sectso.org/>.

fato, como Não-Alinhados, a exemplo da Índia e da Indonésia, que buscaram relativa independência política até o fim da União Soviética (1991).

**Figura 1:** Estados membros da Organização de Cooperação de Xangai



Fonte: Geneva Internet Platform. Digital Watch<sup>5</sup>.

### 3. O PÓS-GUERRA FRIA

O atual momento se inicia com o fim da URSS e da Guerra Fria (1991), que coincidiu com as alterações político-econômicas iniciadas na China, a partir da segunda metade dos anos 1980, sob a gestão de Deng Xiao Ping. As novas medidas fizeram da China uma potência econômica, tecnológica e militar ao passar das décadas. Essas (r)evoluções no país promoveram-no à condição de principal polo de poder na Ásia e, em particular, no Sudeste Asiático.

Com o passar do tempo, a China robusteceu sua economia, desenvolveu uma indústria pujante baseada em baixos custos, gerou capacidade tecnológica e reservas de capitais para investir em várias partes do mundo, sobretudo, no contexto da Iniciativa Cinturão e Rota, anunciada em 2013, pelo presidente Xi

<sup>5</sup> Disponível em <https://dig.watch/updates/key-points-from-the-sco-meeting-digital-transformation-at-focus>. Acesso em 30 Ago 2023.

Ji Ping, passando a rivalizar o Japão.

O fim da URSS fez surgir novos Estados na Ásia Central e “derrubou o muro” que existia na fronteira sino-soviética. Tajiquistão, Quirguistão, Cazaquistão, Uzbequistão e Turcomenistão passaram a ser influenciados, também, pela China. Por esta região, estendida até o Leste Europeu, a Eurásia readquiriu importância como fonte de recursos naturais e como importante rota logística (figura 2). Cavalos e camelos passaram a dividir a região com ferrovias e dutovias, um caminho alternativo ao comércio marítimo do Indo-Pacífico.

**Figura 2:** Ferrovia Yiwu West-Londres



Fonte: Silk Road Briefing<sup>6</sup>

No Oriente Médio estendido<sup>7</sup>, os EUA desenvolviam sua nova diplomacia. A Guerra ao Terror e outras ações geopolíticas fizeram parte do intervencionismo e do unilateralismo (apoiado na OTAN) que projetavam insegurança diplomática. Arábia Saudita, Irã, Iraque, Turquia, Líbano, Síria e Afeganistão tiveram suas políticas pressionadas por Washington. A região, grande fornecedora mundial

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.silkroadbriefing.com/news/2017/05/05/eurasian-economic-union-bring-china-eus-borders/>. Acesso em 21 Set 2023.

<sup>7</sup> A designação do Oriente Médio como região é um termo criado por Alfred Mahan, mas que ficou indefinido geograficamente, gerando percepções particulares. Entende-se aqui, Oriente Médio estendido como sendo espaço que abrange o Afeganistão.

de petróleo e gás, ficou restrita aos interesses norte-americanos por um longo tempo. Mais para leste, os EUA se posicionaram com uma base no Uzbequistão e outra no aeroporto de Manas, no Quirguistão. Posições contestadas pela OCX (Rússia e China) e fechadas, respectivamente, em 2005 e 2014<sup>8</sup>.

Ao sul, os Estados do subcontinente indiano, independentes do Império Britânico a partir de 1947, fazem parte dessa nova reconfiguração estratégica. A Índia tem promovido alterações significativas na Ásia Meridional, tendo se tornado uma das maiores economias do mundo, bem como o país mais populoso (2023). Sua economia tem apresentado crescimento significativo há décadas, baseado na busca da industrialização autóctone. Esse processo inclui meios para a Defesa, ainda que mantenha a aproximação histórica com a Rússia e o posicionamento de país símbolo do Movimento dos Não-Alinhados.

No Oriente distante, a Península da Indochina (Laos, Camboja, Vietnã, Myanmar, Indonésia e Tailândia) e a Península Coreana passaram, paulatinamente, a fazerem parte da área de interesse chinesa. A situação não é diferente na região oriental do continente africano, com destaque para o Chifre da África, importante passagem de rotas comerciais. A presença chinesa está bem caracterizada pelos investimentos em infraestrutura e pelo desdobramento da primeira base naval<sup>9</sup> do país além-mar, no Djibuti (2017). Da mesma forma, a Índia procura maior aproximação com países do Leste Africano, com destaque para a cooperação militar.

#### 4. AS ALTERAÇÕES NA ÁSIA

As alterações na Ásia passam por dois momentos essencialmente. O primeiro refere-se ao fim da II Guerra Mundial, com a reconstrução e a contenção do poder militar do Japão, diante da expansão do comunismo e da Guerra Fria. O segundo, a partir da segunda metade dos anos 1970, passa pelo desenvolvimento econômico regional desconcentrado, pela estagnação da economia japonesa, pelo crescimento econômico da China e da Índia, pelo pós GF e pelo reemergência da Rússia.

Nesses períodos, além de crises e conflitos, o continente viu surgir potências econômicas e nucleares. Os Tigres Asiáticos, Japão, Índia etc construíram uma região que ampliou o comércio mundial e, sobremaneira, o asiático. Segundo o Asia Times (2023), “em 2021, economias asiáticas constituíam 39% do PIB nominal global, tornando-as o maior bloco continental. As exportações da Ásia perfizeram 36% das exportações globais, enquanto as cinco maiores economias

<sup>8</sup> Segundo Visentini (2014) para “acessar o Afeganistão pelo norte (onde se encontrava a resistência)” era necessária “autorização dos Estados da Ásia Central para cruzar o território e estabelecer bases, o que envolvia negociações com a Rússia e a China”. Os dois países concordaram desde que os EUA reconhecessem os rebeldes chechenos e uigures como grupos terroristas, desfazendo a visão de “vítimas de repressão estatal”. Proposta aceita por Washington.

<sup>9</sup> Pela importância do Estreito Bab-el-Mandeb, vários países construíram bases militares no Chifre da África. Para outros detalhes, acesse <https://www.mei.edu/publications/bab-el-mandeb-strait-regional-and-great-power-rivalries-shores-red-sea>.

asiáticas<sup>10</sup> [...] foram responsáveis por 1/4 das importações mundiais.” A reportagem, ainda, destaca o papel do continente (3/4) no crescimento do PIB global, sendo a China e a Índia responsáveis por 1/2 do PIB global (tradução livre)<sup>11</sup>.

Martins (2020, p.312) cita Jeffrey Sachs e Steven Radelet com a compilação de outros dados comparativos de interesse para este ensaio:

[...] em 1820, o Ocidente contava com pouco mais de 15% da população mundial e 25% da sua renda. Já em 1950, graças ao efeito das Revoluções Industriais, as nações do Ocidente detinham apenas 17% da população mundial, mas já concentravam 56% da renda. Atualmente, o Ocidente (União Europeia e América do Norte conjugados) correspondem a 33% da renda mundial e 18% de sua população. Enquanto as Economias da região Ásia-Pacífico contribuem para 44% da renda e 60% da população. Tomando-se somente o Leste Asiático (China, Japão e Coreia do Sul), afere-se que este já participa com 25% da renda mundial e apenas 21% da população. Deste modo, é forçoso concluir que, graças a sua inserção virtuosa na III Revolução Industrial (microeletrônica), a Ásia recupera progressivamente o papel que tinha na renda mundial antes das Revoluções Industriais.

Militarmente, Rússia, China, Índia, Paquistão e Coreia do Norte<sup>12</sup> ascenderam ao clube de potências nucleares desde o pós II Guerra e outros países, ainda, podem se inserir nesse grupo, como é o caso do Irã. No atual momento, o Japão revê suas capacidades militares e os impedimentos legais para voltar a ser um ator de importância bélica. As recentes transformações ocorridas, sobretudo, no âmbito das Forças Armadas Chinesas e a projeção do país no Mar do Japão e no Sudeste Asiático têm se traduzido em instabilidade regional e mundial, provocando reações dos EUA e de seus aliados. Em consequência, a Austrália<sup>13</sup> tem buscado se armar também, haja vista a proximidade com a área de interesse chinesa.

Tecnologicamente, no passado, o Japão rompeu a barreira de produção da Terceira Revolução Industrial. O mundo atravessa 2023 com as principais cadeias produtivas do mundo dependentes, principalmente, da indústria baseada no Sudeste Asiático, na Índia, na China (incluindo Taiwan), na Coreia do Sul e no Japão. Nesse contexto, a nova Revolução Industrial está sendo impulsionada pela participação da Ásia, um protagonismo estratégico que se concentrava no Atlântico Norte por cinco séculos.

<sup>10</sup> China, Hong Kong, Japão, Coreia do Sul, Singapura e Índia.

<sup>11</sup> *In 2021 Asian economies constituted 39% of global nominal GDP, making them the single largest continental bloc. Asian exports constituted 36% of global exports, while the five largest Asian economies together — China and Hong Kong, Japan, South Korea, Singapore and India — accounted for a quarter of all global imports. Asia today constitutes three-quarters, and China and India fully half, of global year-on-year GDP growth.*

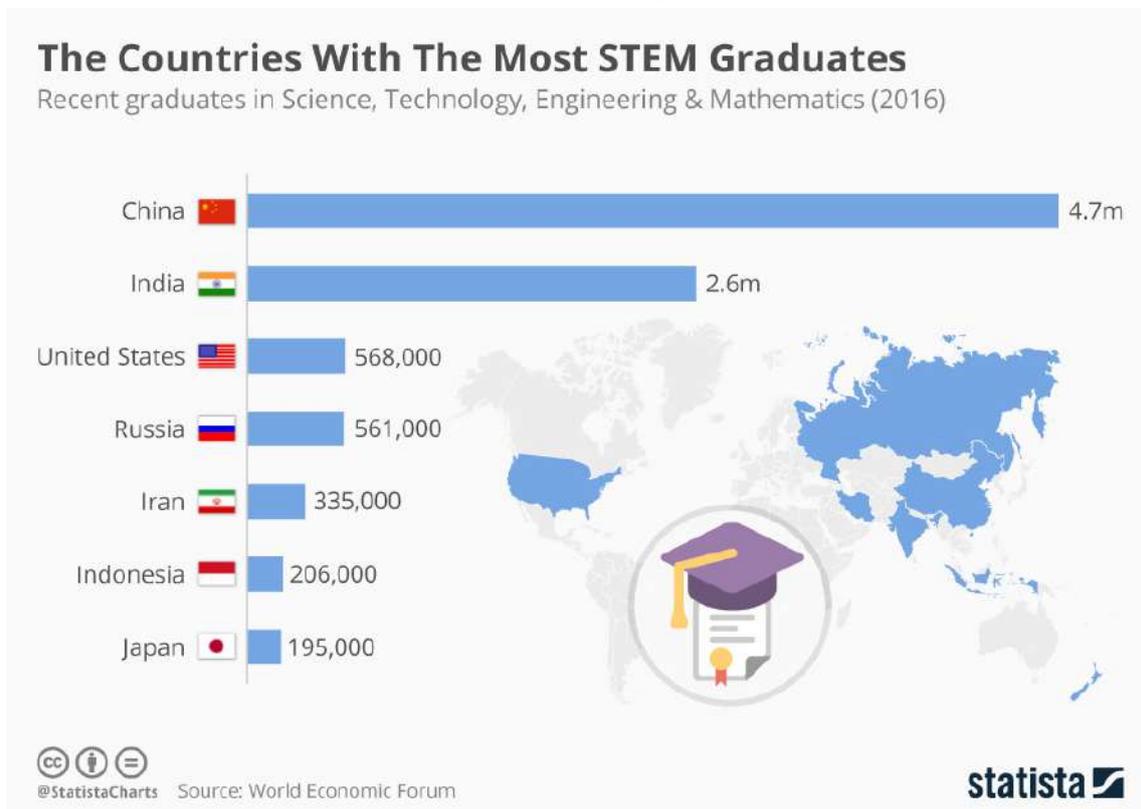
<sup>12</sup> O Estado de Israel não foi citado pelo alinhamento geopolítico com o Ocidente e pelas incertezas quanto ao programa nuclear do país.

<sup>13</sup> Segundo o professor Paulo Visentini (2019), a Austrália é visto como os “Estados Unidos do Pacífico” pelos países da região.

Assim, percebe-se que os atrasos socioeconômico e científico-tecnológico têm sido ultrapassados por diversos países asiáticos, apresentando nova realidade estratégica, caracterizada pelo volume dos comércios regional e extrarregional, pelo acúmulo de reservas internacionais e pelo aumento do poder de paridade de compra (PPC). Dessa forma, ampliaram-se: a atração de capitais; a demanda por recursos naturais, energia e alimentos; e a produção de pesquisa e desenvolvimento. Um dos fatos mais recentes que se destaca, entre tantos, é o recente anúncio da China para disponibilizar o seu primeiro sistema operacional (fonte aberta) para computadores, desenvolvido no país. O segundo refere-se ao longo programa espacial indiano, tendo se tornado o quarto país a ter uma espaçonave pousando na Lua.

Esses fenômenos de longo prazo, apoiados em alterações regionais e mundiais, reposicionaram diversos países da Ásia no sistema internacional, nas últimas décadas, desafiando polos de poder do Atlântico Norte e o protagonismo anglo-saxônico de mais de 200 anos. A figura 3 mostra a concentração de graduados em ciências, tecnologia, engenharia e matemática, no continente, segundo dados de 2016.

**Figura 3** - Países com o maior número de graduados no índice STEM (2016)



Fonte: Statista

Esses movimentos transformaram a Ásia, essencialmente por meio do Indo-pacífico, em um “ímã geopolítico” que atrai Estados latino-americanos inclusive. A Aliança do Pacífico (2011) é um exemplo dessa nova irradiação

de poder. Chile, Colômbia, México e Peru buscam integrar o fluxo de bens, serviços, pessoas e recursos, com ênfase no Indo-Pacífico. Os quatro países reúnem mais de 220 milhões de pessoas e possuem um produto interno bruto (PIB) médio per capto de cerca de U\$ 18,000.00.

## 5. IMPLICAÇÕES PARA O OCIDENTE

Conforme o contexto acima, a visão mundial voltada para o continente e a singular visão chinesa para o mundo permitem a concepção da *Belt and Road Initiative*, um empreendimento econômico planetário, baseado nos Cinco Princípios (constitucionais) da Coexistência Pacífica: respeito mútuo à soberania e à integridade territorial; não agressão mútua; não interferência nos assuntos internos um do outro; igualdade; e benefício recíproco e coexistência pacífica.

Aos poucos, a Ásia passou a ser uma região de grande importância para as economias norte-atlânticas devido à dependência de recursos naturais e à nova arquitetura das cadeias produtivas que se formaram. Em consequência, no continente: o comércio e os investimentos se multiplicaram; diversos países se inseriram na dinâmica capitalista ocidental e acumularam reservas cambiais; muitas pessoas passaram a uma condição socioeconômica melhor; e um complexo industrial moderno se estabeleceu por lá, permitindo o surgimento da nova indústria de material de defesa, suporte às forças armadas de países como a China, Coreia do Sul, Índia e Rússia.

Segundo Martins (2020, p.312), a postura do “balanceamento estrito”, por parte dos EUA, sobre a Federação Russa e as ações contra a China criaram um ambiente de grande instabilidade. Com relação ao primeiro, teria faltado um Plano Marshall com a devida aproximação política com Moscou. Ainda, a China adotou nova postura nas relações com os americanos após o bombardeio da embaixada chinesa em Belgrado (1999)<sup>14</sup>, abandonando a “relação dependente-associada aos EUA”, o que a permitiu “o anúncio do Pivô para a Ásia (2011)”.

Assim, um continente de civilizações milenares retoma posição de destaque no cenário internacional. Ainda que envolto em tensões internas, históricas e geográficas, o avanço em determinadas agendas tem sido significativo. Todavia, os EUA buscam encontrar brechas para restaurar sua estatura geopolítica ou para impedir a revolução político-socioeconômica oriental.

## 6. A GEOPOLÍTICA NO INDO-PACÍFICO

A tensão no Indo-pacífico é parte da disputa de poder que ocorre na Ásia e da contestação geopolítica em esfera mundial, podendo se tornar disruptiva diante do surgimento do asiacentrismo em detrimento do norteamericano.

---

<sup>14</sup> Sobre o fato, as embaixadas, normalmente, são muito bem identificadas em qualquer planejamento militar, a fim de se evitar problemas diplomáticos de vulto com países não relacionados com o conflito diretamente.

Todavia, o continente não é uma plataforma geopolítica pacífica e homogênea, o que permite aos EUA encontrarem espaço para reafirmação hegemônica.

Apesar das desconfianças correntes entre os analistas, Rússia e China se aproximam com maior ênfase, desde 2001, por meio do Tratado de Boa Vizinhança, Amizade e Cooperação. A relação bilateral é essencial para que possam ser intermediados acordos e parcerias envolvendo Índia e Paquistão, Irã e Arábia Saudita, Síria e Turquia; para a integração do caminho eurasiático<sup>15</sup> da Nova Rota da Seda, envolvendo as Ásia Central e Meridional; e para possível apoio em caso de conflito.

A reação norte-americana tem sido seguida por alguns países europeus, apesar da relativa interdependência com a China, como no caso da Alemanha. Em reação à ascensão da China, de sua postura mais assertiva no contexto regional e de sua aproximação com a Rússia, nos campos militar e energético principalmente, os EUA, além de sua aliança estratégica com a Coreia do Sul, se (re)aproximam, com maior ênfase, do Japão, da Austrália e da Índia. O primeiro país possui tensões históricas com a Rússia e a China. O segundo, com a China. O terceiro sente-se ameaçado pela nova postura chinesa e por questões fronteiriças. Certamente, há outros países envolvidos nesse “esquadro” geopolítico, entre o dilema de contar com a segurança americana versus manter a parceria econômica chinesa.

Aproveitando as tensões e competições, os EUA promoveram a refundação do Diálogo de Segurança Quadrilateral – QUAD (2017) com a Austrália, Índia<sup>16</sup> e Japão<sup>17</sup>, e divulgaram a criação da Aliança Militar AUKUS (2021), envolvendo o RU e a Austrália<sup>18</sup>. Seus documentos de mais alto nível político são pareados pelos da OTAN, indicando as “ameaças” russa e chinesa. Na última cúpula da OTAN, ficou clara a intenção de alongar a presença da Organização até o Extremo Oriente. O evento em Vilnius, Lituânia, contou com a presença de representantes da Austrália, Coreia do Sul, Japão e Nova Zelândia. Esses países são apontados como parceiros importantes para a segurança no Indo-Pacífico.

Outras medidas têm sido tomadas no campo econômico. Além da tentativa de um “isolamento comercial”, algo muito difícil pelos pilares estabelecidos pelo próprio Ocidente, EUA e alguns países europeus buscam diminuir a capacidade industrial chinesa e a produção científico-tecnológica. A proposta de embargo do acesso chinês a determinados chips exemplifica o tipo de sanção que pode afetar as duas áreas (econômica e científico-tecnológica).

Na esteira do quadro apresentado, o *US Army Pacific* está organizando a

<sup>15</sup> Para Pautasso (2015), “A vilanização da Rússia volta-se a evitar a formação de um heartland baseado num eixo Berlim-Moscú-Pequim completamente fora do controle de Washington”.

<sup>16</sup> A Índia tem sido identificada como um parceiro estratégico importante para França, Alemanha e União Europeia, bem como um ator relevante no multilateralismo asiático.

<sup>17</sup> Apesar da invasão e da instalação de uma base naval nas ilhas de Adamã e Nicobar, a Índia não guarda restrição ou impedimento em participar do QUAD ou mesmo de enxergar o Japão como possível aliado contra a China.

<sup>18</sup> A Austrália, definitivamente, se inseriu na AUKUS, no que se refere à segurança do Indo-Pacífico, ao encomendar submarinos de propulsão nuclear, construídos pelos EUA, com a participação do RU.

*Indo-Pacific Armies Chiefs Conference*, a ser realizada em 27 de setembro, na Índia, para o qual o Exército Brasileiro foi convidado. No encontro, estão previstas as presenças dos Comandantes (ou representantes) dos Exércitos dos seguintes países:

|                |               |             |               |
|----------------|---------------|-------------|---------------|
| Arábia Saudita | Austrália     | Bangladesh  | Canadá        |
| Chile          | Coreia do Sul | Egito       | Filipinas     |
| Malásia        | Mongólia      | Nigéria     | Nova Zelândia |
| Omã            | Quênia        | Reino Unido | Singapura     |
| Tailândia      | Tanzânia      | Timor Leste | Vietnã        |

Por outro lado, diante da ascensão da China, o Partido Comunista Chinês tem seu posicionamento definido quanto à reconstituição de um só país, enquanto dois sistemas. Taiwan é o objetivo político mais simbólico para a política da República Popular da China. Restaurar a unidade territorial representará poder diante do grande opositor político, os Estados Unidos.

Por fim, Índia, China e Rússia são membros do BRICS, grupo de países que se expande no Sul Global, o que alguns analistas consideram uma ameaça à ordem mundial do pós II GM. Ainda, a Índia é candidata a uma cadeira em possível reformulação do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (CS/ONU), enquanto China e Rússia já possuem seus assentos. Essa questão, em particular, dificulta a regência da ONU no intuito de intervir nas disputas envolvendo os membros efetivos. Dos cinco membros permanentes, EUA, RU, China e Rússia parecem estar, diretamente envolvidos nessa inclinação mundial para Leste, enquanto a França parece aguardar maiores desdobramentos.

## 7. CONCLUSÃO

A proposta dessa Análise foi inserir os leitores no cenário do novo ciclo histórico da Ásia, muito mais amplo e complexo do que as ocorrências no Indo-Pacífico. Um cenário lentamente construído que lançou o continente na expectativa de se tornar o grande pivô mundial no século XXI, gravitando no “cinocentrismo”. A grande questão é se a regionalização asiática, que se apresenta de forma fragmentada até o momento, será revertida mesmo diante de todo o esforço empreendido pelos Estados Unidos e por seus aliados.

O Brasil, apesar da geografia, se insere naquele continente pelo comércio e pela política. Outras parcerias, no entanto, não podem ser descartadas e a aproximação com todas as partes é importante devido a dimensão e relevância do Brasil, bem como de seus interesses. Qualquer Estado que deseja se projetar além do regionalismo deve pensar nas suas relações com a Ásia. De qualquer maneira, a erupção de uma fricção de maior intensidade Ásia trará consequências para todo o Planeta.

Assim sendo, a presença do Exército Brasileiro naquele continente, por meio da diplomacia militar, é mais uma oportunidade para o Brasil estreitar laços de amizade com outros países, ratificar sua postura diplomática para o mundo, posicionar seus interesses e promover parcerias de interesse da Força.

## BIBLIOGRAFIA

Alianza Del Pacifico. Disponível em <https://alianzapacifico.net/en/what-is-the-pacific-alliance/>. Acesso em 14 Jul 2023.

**China releases its first open-source computer operating system.** Disponível em <https://www.reuters.com/technology/china-releases-its-first-open-source-computer-operating-system-2023-07-06/>. Acesso em 8 Jul 2023.

Democracy Now. **Stephen Wertheim: The West Cannot Ignore Role NATO Expansion Played in Russia's Invasion of Ukraine.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yWvJ-WmHbkg>. Acesso em 19 Jul 2023.

MARTINS, José Miguel Quedi. **Lições Estratégicas da II Guerra Mundial, 75 anos depois.** Análise Estratégica NERINT. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v.9, n.18, Jul./Dez. 2020.

MULDER, Nicholas. **Asia's economic heft keeps Russia's economy afloat.** Asia Times. Disponível em: <https://asiatimes.com/2023/06/asias-economic-heft-keeps-russias-economy-afloat/>. Acesso em 17 JUL 2023.

PADILHA, Luiz. Defesa Aérea e Naval. **Expansão Estratégica do Brasil no Indo-Pacífico.** Disponível em <https://www.defesaaereanaval.com.br/geopolitica/expansao-estrategica-do-brasil-no-indo-pacifico>. Acesso em 12 Jul 2023.

PAUTASSO, Diego. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. **Contenção da Rússia, ontem e hoje.** <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6228-critica-internacional-curso-ri-da-unisinos-diego-pautasso>. ed. 476 | 03 Nov 2015. Acesso em 12 Jul 2023.

THE DAILY GUARDIAN. **INDO-PACIFIC AND INDIA: WHAT IS THE WAY FORWARD?** <https://theguardian.com/indo-pacific-and-india-what-is-the-way-forward/>. Acesso em 19 Jul 2023.

Disponível em <http://eng.sectesco.org/>**The Shangai Cooperation Organization.** Acesso em 17 Jul 2023.

VEJA. Índia faz lançamento histórico de espaçonave com destino à Lua. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/india-faz-lancamento-historico-de-espaconave-com-destino-a-lua/>. Acesso em 14 Jul 2023

VISENTINI, Paulo. **Eixos do Poder Mundial no Século XXI: uma proposta analítica.** Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v.8, n.15, Jan./Jun. 2019 | p.9-25.

VISENTINI, Paulo. **O GRANDE ORIENTE MÉDIO.** Ed Elsevier/Campus, Rio de Janeiro, 2014.

Goog Times Bad Times. **Russia, Iran and India Want to Bypass the Suez Canal Via the Persian Corridor 2.0.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DOcD1N7LynI>. Acesso em 18 Jul 2023.



Quartel -General do Exército,  
Bloco A, 70630-970, Brasília-DF.  
(61) 3415-4638 - [ceeex@eme.eb.mil.br](mailto:ceeex@eme.eb.mil.br)  
Site: [www.ceeex.eb.mil.br](http://www.ceeex.eb.mil.br)